



## COLUNA DIÁRIA DO PCO

MAIO DE 2008

BRASIL

CAPA

CARTAS

CARTA DO EDITOR

COMPORTAMENTO

EDUCAÇÃO

ENTREVISTA

ESPECIAL

ESTILO

FAMÍLIA

GALERIA

INVESTIMENTO

MARKETING

MODA MASCULINA

MÚSICA

NA ESTANTE

NEGÓCIOS

PERSONAGEM

REPORTAGEM

SAÚDE

TELEFONIA

TELEVISÃO

COLONISTAS

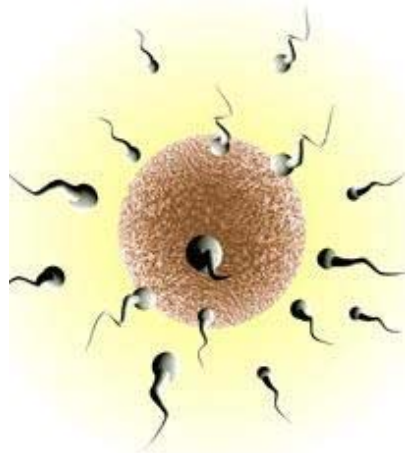
ARTICULISTAS

especial

| Vanessa de Cobucci |

## O TABU DA ESTERILIDADE

*Em pleno século 21, os homens continuam extremamente preconceituosos quando o assunto é infertilidade masculina*



**Depois de dez** anos de casamento, Tânia\*, uma arquiteta renomada, mulher do advogado Roberto\*, passou a responder às constantes cobranças indiscretas de amigos e familiares sobre “você não vão ter filhos?” com um sonoro “eu tenho problemas para engravidar”. O que ninguém sabe é que, por trás da resposta decorada, a jovem de 35 anos perpetua um comportamento cultural: ela é perfeitamente fértil. O diagnóstico em questão é do marido, que não produz espermatozoides, mas não aceita que o assunto saia da esfera íntima. Socialmente, Tânia carrega a “culpa” pela infertilidade do casal.

Além disso, durante dois anos ela passou por consultas, submeteu-se a exames caros, alguns complexos, incômodos e até doloridos, como a histerossalpinografia das trompas, para só depois o marido concordar em fazer um singelo espermograma: barato, rápido e indolor, e que detectou o problema. Histórias como esta se multiplicam nos consultórios médicos e independem de classe social. Elas esbarram em algo mais amplo, que atinge a todos: o preconceito. Essa é a análise do pesquisador e Ph.D. Paulo Franco Taitson, biólogo do laboratório de análise de sêmen e criobiologia do Instituto de Reprodução Humana. “Na sociedade, ainda é tabu para o homem discutir abertamente sua infertilidade – é algo associado, de forma errônea, à masculinidade. Na roda de amigos, é como se ele fosse o menos macho, o que não procede. É algo absurdo”, diz.

Preocupado com o assunto, Taitson pesquisou, entre 2001 e 2005, durante seu doutorado, a incidência da infertilidade masculina em 219 municípios mineiros, abrangendo mais de 12 mil homens inférteis. O ponto de partida era a lista apontada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que reúne 16 causas para a infertilidade masculina. Com base nesses parâmetros, o biólogo traçou um mapa da infertilidade que culminou no livro escrito em co-autoria com Oswaldo Bueno Amorim Filho, Distribuição geográfica da infertilidade masculina no estado de Minas Gerais. Na pesquisa, Taitson provou que o problema, ao contrário de outras patologias, não está atrelado à baixa renda e se distribui de forma quase homogênea entre a população. Segundo o pesquisador, os principais



*Paulo Talison:  
"A infertilidade é associada, de forma errada, à masculinidade"*

obstáculos que impedem a fecundidade masculina são: varicocele, ou seja, excesso de varizes nos testículos; causas sistêmicas – se o homem já teve doenças como câncer ou doenças vasculares; causas endócrinas, como o diabetes; ou mesmo a impotência, que funciona como barreira mecânica, impedindo o homem de ejacular. Há também causas de fundo psicológico.

"Pesquisas apontam que a incidência da infertilidade é igual: 40% dos homens e 40% das mulheres são estéreis, e cerca de 20% são causas atribuídas aos dois. No mundo todo, 14% a 16% dos casais não vão ter filhos, o que é um índice alto", atesta Taitson. Segundo o pesquisador, há um paradoxo na medicina, que avançou pouco na valorização da vida. "Há pesquisas milionárias em andamento sobre métodos contraceptivos e pouquíssima coisa para tratamento da infertilidade", pondera.

Para o ginecologista Luiz Fernando Neves Ribeiro, mesmo em pleno século 21 a infertilidade masculina ainda é território minado. "Há famílias que mantêm o assunto em segredo, como se fosse uma mácula. Tudo pautado em uma sociedade machista que acha que homem infértil é menos homem do que os outros que geraram filhos", diz Ribeiro. Além dos vários distúrbios que tornam um homem estéril, o médico chama a atenção para o problema sem causa aparente. "Já acompanhei casos em que o organismo feminino gerava anticorpos que destruíam o espermatozóide, interpretando-o como agente nocivo", explica.

A medicina considera anormal um casal não engravidar após dois anos de tentativas, sem utilizar nenhum método contraceptivo. É nesse momento o primeiro passo em busca da solução, que sempre começa pelo lado feminino. 4



*O ginecologista Luiz Fernando Ribeiro: "A infertilidade masculina ainda é território minado"*

"É a mulher que primeiro vai ao médico, sempre. O que teria de ser feito seria um simples espermograma, que já daria condições de avaliar o potencial fértil do marido. Só que os homens não gostam de fazer esse exame, que nem é invasivo. Eles desqualificam-no e o desprezam tanto quanto o exame de toque retal da próstata", explica Ribeiro.

A evolução tecnológica também ajuda a detectar causas da infertilidade masculina, principalmente as de origem genética, algumas só percebidas por meio de exames sofisticados. Tirando-se as causas de infertilidade já universalmente conhecidas, todas as outras são genéticas. "Hoje, podemos fazer três exames que apontam com precisão essas causas. Dois deles dão margem para um tratamento que pode tornar o homem fértil", explica a citogeneticista Bethânia Pena, do Laboratório Gene, empresa pioneira na análise genética na América Latina.

Para o médico e Ph.D. em genética, Sérgio Danilo Pena, hoje há técnicas próprias e personalizadas para cada tipo de infertilidade, mas as pessoas muitas vezes baseiam-se apenas no resultado do exame sem buscar mais informações. "Vejo muitos casais serem vítimas de charlatanismo, porque são erroneamente indicados a optar pelo tratamento mais caro do momento, que na verdade era desnecessário. A medicina genética tem de

ser participativa. Cabe ao médico geneticista fazer a triagem correta de cada caso, orientar sobre as possibilidades de tratamento”, pondera Pena.

#### NO BOM HUMOR



*Sergio Pena, Ph.D. em genética: "Hoje há técnicas personalizadas para cada tipo de infertilidade"*



Ser infértil, um tema tão espinhoso e delicado, acabou sendo o mote de uma peça humorística do dramaturgo Wesley Marchiori, que há sete anos está em cartaz: Na virada do sexo, e que voltou em cartaz este mês de maio, no Teatro Icbeu. Monólogo interpretado por Amauri Reis a peça é centrada em um personagem oligospermico, que recebe o diagnóstico de que seu sêmen é escasso de espermatozoides. Ele sofre a pressão psicológica da mulher, que está em uma busca insana para engravidar, e com o exame em mãos, começa a fazer relato de suas reminiscências sexuais. “Muitos homens foram até o camarim, depois da peça, para desabafar, dizendo que já conseguiam ver o assunto de uma forma mais leve, com humor. Não ser fértil mexe demais com o ego masculino, principalmente porque há uma pressão forte, da sociedade e até da família, para que ele tenha herdeiros com sua carga genética. Acho que a peça cumpriu sua função social de amenizar um momento tão difícil levando tudo no bom humor”, diz Amauri Reis. E se você recebesse um diagnóstico parecido? “Ah, depois de sete anos encarando um oligospermico, eu já entendi todo esse universo. Levaria mesmo era na piada. O que não tem remédio, remediado está”, diverte-se o ator.